

Resiliência no processo de recuperação de presos

Resilience in the recovery process of prisoners

Iarani Augusta Galúcio Lauxen

Mestra em Teologia pela Faculdades EST (São Leopoldo, RS)
Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional, Assistente Social,
Docente do Curso de Serviço Social EAD ULBRA (Canoas, RS)

Resumo

O homem privado de liberdade passa por um processo de reconhecimento de si no espaço onde vive, encontra-se dentro dos limites humanos e institucionais. O contexto permite-lhe tecer reflexões sobre a condição de sofrimento, ora vivida e compreendida, estabelecendo uma religação na terra e no céu, pelo exercício da espiritualidade, pelo cumprimento da pena e por meio do processo de recuperação. A resiliência aponta o sentido de superar situações traumáticas vivenciadas pelos indivíduos em diversos contextos e sugere estratégias motivadoras para o desenvolvimento na sociedade em que vive, criando resistência diante de condições expostas, propondo-se a recuperação e a mudança. As pessoas privadas de liberdade, por um momento, foram destituídas de seus valores morais, éticos, religiosos e também da sua própria condição de dignidade humana, quando submetidos ao cárcere pelo cometimento de contravenções penais, deparando-se com a dura realidade que os obriga a encontrar consigo mesmo através da condição de sofrimento vivida, expondo-se a violência pessoal e social. O que aconteceu? O que faltou? Quem falhou? De quem é a culpa? É do Estado com uma Política Penitenciária precária? Ou são deles, os presos, que não querem mudar? Insistindo naquele típico discurso que: bandido é sempre bandido! De quem teria sido a responsabilidade de não ter ocorrido a mudança, a superação dessa condição? O resgate de valores ora perdidos podem ser resgatados quando se vivencia os mandamentos, resgatando sua cidadania; os valores de honradez; justiça; responsabilidade; honestidade e integridade, tornando-se sujeitos éticos, deixando despertar a consciência moral, sendo capaz de medir as consequências com responsabilidade, internalizando as mudanças e superando a revitimização promovida pelo sentimento de culpa.

Palavras-chave

Presos. Culpa. Sofrimento. Resiliência.

Abstract

The man deprived of freedom goes through a process of recognizing himself in the space where he lives, he finds himself within human and institutional boundaries. The context may allow him to think on the condition of suffering, lived and understood by establishing a reconnection through the exercise of spirituality, serving the sentence and through the recovery process. Resilience indicates to overcome traumatic situations experienced by individuals in different contexts and suggests strategies for motivating the development in the society in which everyone lives, creating resistance on the exposed conditions, proposing recovery and change.

People deprived of their freedom were deprived of their moral, ethical, religious condition and also their condition of human dignity, when subjected to prison for committing criminal misdemeanors, facing the harsh reality that obliges them to find themselves through the condition of suffering, experienced by exposing the personal and social violence. What happened? What was missing? Who failed? Whose fault is it? Is it the fault of the State, with a poor penitentiary policy? Or is it the fault of these detainees, who do not want change, insisting on that typical speech: a criminal remains a criminal! Who would have the responsibility for not changing, overcoming this condition? The restore of values once lost can be redeemed when one experiences the commandments, rescuing their citizenship, the values of honesty, justice, responsibility, integrity, becoming ethical subjects, leaving awaken the moral conscience, being able to measure the consequences of the acts, internalizing the changes and overcoming the revictimization promoted by guilt.

Keywords

Prisoners. Guilt. Suffering. Resilience.

Considerações Iniciais

A resiliência aponta o sentido de superar situações traumáticas vivenciadas pelos indivíduos em diversos contextos e sugere estratégias motivadoras para o desenvolvimento desse ser na sociedade em que vive, criando resistência diante as condições expostas, propondo-se a recuperação e a mudança. As pessoas privadas de liberdade, por um momento foram destituídas de seus valores morais, éticos, religiosos e também da sua própria condição de dignidade humana quando submetidos ao cárcere pelo cometimento de contravenções penais, deparando-se com a dura realidade que os obriga a encontrar consigo mesmo através da condição de sofrimento vivida expondo-se a violência pessoal e social infundável. O que aconteceu? O que faltou? Quem falhou? Quem serão os culpados? De quem teria sido a responsabilidade de não ter ocorrido à mudança, a superação dessa condição, de não ter se alcançado os resultados esperados. O resgate de valores ora perdidos podem ser recuperados quando vivenciado os mandamentos da Lei de Deus, restaurando sua cidadania; os valores de honradez; justiça; responsabilidade; honestidade e integridade, tornando-se sujeitos éticos, deixando despertar a consciência moral, aquela que permite tomar decisões e justificá-las, sendo capaz de medir as consequências com responsabilidade, internalizando as mudanças e superando a revitimização promovida pelo sentimento de culpa.

O homem na privação da liberdade

O homem ora privado de sua liberdade passa por um processo de reconhecimento de si no espaço onde vive e no universo que o espera, encontra-se dentro dos limites

institucionais (o cárcere), onde se estabelece um novo mundo, a construção de uma nova sociedade, daqueles que não podem ir e vir, contudo, estes não deixaram de fazer parte do mundo real, da sociedade na qual realmente foram inseridos desde o nascimento. É nesse contexto que lhe são permitidas tecer reflexões sobre a condição de sofrimento ora vivida e compreendida, estabelecendo uma religação na terra e no céu, pelo exercício da espiritualidade, pelo cumprimento da pena estabelecida e por meio do processo de recuperação.

A proposta de recuperação de presos apresentada pelo Estado regulador prevê a garantia de acesso destes ao exercício da sua cidadania, tendo a oportunidade de se alfabetizar, realizar cursos profissionalizantes, ter acesso a atividades laborativas, adquirir documentos civis ou resgatá-los, possuir assistência jurídica e religiosa, além do acompanhamento biopsicosocial. Essa proposta traz em si o compromisso com o princípio de direitos humanos os quais se estendem a todos os cidadãos sem distinção prevendo as condições mínimas para sua sobrevivência. Infelizmente, muito se tem ouvido de transgressões do que prever as leis e os tratados de boas relações sociais expondo a população carcerária, muitas vezes, a condições insalubres, sub-humanas, com o acesso mínimo de assistência durante o cumprimento da pena, por diversas questões.

O conceito de resiliência atualmente tem sido discutido na América Latina dentro do âmbito comunitário diante das expressões da questão social. Ela aponta o sentido de superar situações traumáticas vivenciadas pelos indivíduos em diversos contextos e sugere estratégias motivadoras para o desenvolvimento desse ser na sociedade em que vive, criando resistência diante as condições expostas, e propondo-se a recuperação.

Esse conceito pode ser muito bem apresentado para o contexto em que vivem as pessoas privadas de liberdade, aquelas que por um momento foram destituídas de seus valores morais, éticos, religiosos e também da sua própria condição de dignidade humana quando submetidos ao cárcere, deparando-se com a dura realidade que os obriga a encontrar consigo mesmo através da condição de sofrimento a qual se encontram. Segundo Hoch e Rocca, a resiliência na Psicologia significa recuperar-se, ir para frente, é vencer provas e crises da vida, resistindo primeiro para depois superá-los, para que assim possa seguir vivendo da melhor forma possível, sendo uma pessoa melhor. Segundo os autores,

É a capacidade para desenvolver-se bem, para continuar projetando-se no futuro apesar dos acontecimentos desestabilizadores, de condição de vida difíceis e de traumas às vezes graves. É a capacidade humana universal de lidar e de superá-la, aprender ou mesmo ser transformado com a adversidade inevitável da vida! Essa capacidade de proteção permite a

“uma pessoa, um grupo ou uma comunidade impedir, diminuir ou superar os efeitos nocivos da adversidade”.¹

É nesse pensamento que se traz a reflexão acerca do processo de recuperação de presos, no qual devem ser investidos todos os esforços possíveis para se atingir com êxito a proposta, a qual não deve ser meramente institucional, mas pessoal, transcendental. Não se trata apenas de tentar recuperar “homicidas”, “traficantes”, “assaltantes”, etc., para transformá-los em “homens bonzinhos”, mas de se pensar num processo de revisão pessoal e transformação humana possível, devendo esse indivíduo ser observado e trabalhado em todo seu contexto social e em sua totalidade enquanto ser social, resignificando a sua existência e superando os efeitos das adversidades as quais foram submetidos, dando-lhes uma alternativa possível para uma mudança de vida pessoal e social.

Esse exercício da resiliência na vida das pessoas é importante no sentido do cuidado do corpo e do espírito para a boa relação da matéria com o meio em que vive, pois, de acordo com Nan Hendeson e Mike Milstein, há possibilidades de que a ideia que as situações de risco e as realidades traumáticas “inevitavelmente condenam as pessoas a contrair psicopatologias ou a perpetuar ciclos de pobreza, abuso, fracasso escolar ou violência”.² Neste caso, a possível reprodução de atos delituosos que os levariam ao cárcere novamente e os destinariam a condição de sofrimento mais uma vez por meio da reincidência, reproduzindo um ciclo de violência infundável. Esse processo de resignificação humana por meio da mudança, do arrependimento, para a transformação do homem não se realiza de forma simples, requer decisão, atitude, e um compromisso de amor a si próprio e ao próximo.

Como entender pessoas condenadas a penas altíssimas de dez, quinze, vinte anos ou mais, ao alcançar o benefício de progressão de regime, após ter cumprido a parte da pena estabelecida em regime fechado, alcançando a prisão domiciliar ou a própria prisão condicional, o indivíduo que passou todos esses anos se queixando das más condições do cárcere, da perda da liberdade e dos vínculos familiares, sem privilégios algum, após todo esse sofrimento em poucos meses reincide nas práticas delituosas e retorna a prisão por outro processo, pelo cometimento de outro crime, reproduzindo um ciclo de violência pessoal e social infundável.

O que aconteceu? O que faltou? Quem falhou? Em um momento como este é cômodo apontar os culpados. A culpa é do Estado com uma Política Penitenciária mínima e precária que não ressocializa ninguém, ou são eles, os presos, a culpa é deles que não querem mudar, perpetuando o mito da velha frase: uma vez bandido, sempre bandido. De

¹ HOCH, Lothar, ROCCA, Susana. *Sufrimento, resiliência e fé: implicações para as relações de cuidado*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2007. p. 10.

² Nan Hendeson e Mike Milstein apud HOCH; ROCCA, 2007, p. 11.

quem teria sido a responsabilidade de não ter ocorrido à mudança, a superação dessa condição, de não ter se alcançado os resultados esperados.

Refazendo o caminho

Uma realidade como esta, de uma sociedade violenta, que justifica suas práticas por serem vítimas da violência que a sociedade matriz promove, não é tão simples de se compreender. A demanda remete-se a um conjunto de valores e também de participantes sociais que precisam estar envolvidos também nesse processo para a eficaz intervenção a essa problemática social que vem acometida de tantas outras questões, ou possíveis estágios passados pelo indivíduo, os quais podem ter promovido o desenvolvimento de uma conduta considerada antissocial: [1. *Pobreza*, 2. *Desemprego*, 3. *Desestruturação do grupo Familiar*, 4. *Conflitos Familiares*, 5. *Inexistência Ética*, 6. *Desamor*, 7. *Desrespeito*, 8. *Pecados Capitais*, 9. *Drogas*, 10. *Crimes*, 11. *Violência* 12. *Privação de liberdade, podendo resultar = a população carcerária*]. Não se pretende afirmar que esses são fatores determinantes para um desvio de conduta e o cometimento de crimes, mais são fatores que alimentam o crescimento da violência.

Diante de todo esse ciclo de violência humana torna-se fácil compreender que o sofrimento para eles não iniciou no estágio 12 com a privação da liberdade, mas já se tinha origem no próprio cotidiano social em que viviam. Como desmistificar todos esses ciclos? É refazendo o caminho! O caminho se refaz na tomada de consciência das ações que estão levando aquela condição de sofrimento vivenciada, não se deve mais estagnar nos questionamentos, e nos porquês? Mais imediatamente refazer os caminhos a serem percorridos a partir de agora, rumo a sua integridade humana, ao alcance da liberdade, libertando-se de todas as prisões sociais que o aprisionou há anos, sejam elas objetivas e reais ou subjetivas e imaginárias.

O primeiro passo é a aceitação de si, perdoar-se, arrepender-se mesmo, assumir com responsabilidade o ato cometido, é encontra-se com Deus de novo, vivenciando os mandamentos, resgatando sua cidadania, os valores de honradez, justiça, responsabilidade, honestidade e integridade, tornando-se sujeitos éticos, deixando despertar o seu senso moral em suas relações e exercitar sua consciência moral, aquela que permite tomar decisões, mas também justificá-las, sendo capaz de medir as consequências, se responsabilizando por elas, internalizando as mudanças. Do ponto de vista ético, somos pessoas, com sentimentos, aspirações, sonhos, medos e não podemos ser tratados como coisas, e nem tratar também o outro como tal. Dessa forma se evidencia os princípios de direitos humanos e sociais, liberdade, e respeito mútuo apontando uma relação pacífica na sociedade de iguais.

São os valores éticos imbuídos na vida que dão a garantia de condições de sujeito, permitindo distinguir o proibido e o permitido, limites e controle que se deve ter para

evitar os riscos de violência e também da exposição ao sofrimento coletivo. Nestes termos, Marilena Chauí vem apontar comportamentos adotados que são constituintes do campo ético para o sujeito moral:

- Ser consciente de si e dos outros, capaz de reflexão e reconhecer a existência do outro como sujeito ético iguais a ele.
- Ser dotado de vontade, capacidade para controlar e orientar desejos, impulsos, tendências, sentimentos em conformidade com a consciência e decidir entre varias alternativas possíveis.
- Ser responsável, avaliar efeitos e conseqüências.
- Ser livre, não está submetido a poderes externos, autodeterminação [...].³

Portanto, ser um sujeito moral exercitando a ética na sociedade é ser também um sujeito ativo capaz de controlar interiormente seus impulsos, suas inclinações e paixões, discutindo consigo e com os outros o sentido dos valores e fins aonde quer chegar, avaliando sua capacidade, consultando sua razão antes de agir, considerando os outros sem subordinar-se, julgando suas próprias intenções e recusando a violência, tornando-se um ser autônomo, capaz de auto avaliar-se e inclinar-se para as boas ações. Após o resgate desses valores recorreremos ao saber interdisciplinar, é quando o meio externo também contribui nesse processo de mudança oferecendo subsídios para que esse indivíduo sintasse pertencente a esse universo, por um tempo deslocado de si. Os participantes: família, Estado e sociedade se comprometem também sendo responsáveis por aquilo que produzem na sociedade, possibilitando naquele recuperando a superação das suas dificuldades e sofrimentos pessoais e sociais vividos durante aquele ciclo negativo, e reconhecendo suas potencialidades positivas, oferecendo-lhe esperança e inclusão social.

Inicia-se aqui um novo ciclo iniciado no cárcere, superando a condição de criminoso para a de recuperando, vivenciado novos estágios [1. *Recuperando*, 2. *Encontro com Deus*, 3. *Arrependimento*, 4. *Resgate da dignidade*, 5. *Integridade*, 6. *Novas perspectivas*, 7. *Inclusão*, 7. *Reconciliação*, 8. *Cidadania = Sujeito ético*]. Esse novo ciclo pode vir a ocorrer com êxito, desenvolvendo-se por meio das condições externas que possam favorecer a experiência de cada estágio, resultando no resgate de uma identidade humana renovada, promovida com apoio de todas as esferas sociais (a família, a igreja, a escola, o trabalho, o grupo de amigos, as instituições públicas, as não governamentais e a comunidade como um todo), e tantas mais, as quais irão contribuir para o desenvolvimento da capacidade de superação desse indivíduo, permitindo a reinserção social dele a sociedade, deixando este de ser a massa anônima, que ora causava ameaça e desordem, mas um ser amadurecido, que dá sentido as coisas, as pessoas e a vida, a partir de um novo olhar com liberdade, responsabilidade e protagonismo.

³ CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2000. p. 308.

Para potencializar a resiliência de um grupo ou de uma pessoa, é preciso descobrir os chamados fatores de proteção internos e externos, isto é, os recursos próprios da pessoa, assim como também as capacidades que há na família, no ambiente ou na instituição educativa, social, política ou eclesial. Esse processo de fortalecimento e capacitação é conhecido hoje como empoderamento [empowerment] e procura-se em “identificar os recursos, revelá-los a quem os possui- que frequentemente não sabe que os possui- e ajudá-lo a aplicá-los”.⁴

No contexto do encarceramento, durante o processo de cumprimento da pena e de recuperação para o retorno a sociedade, deve-se investir no fortalecimento do empoderamento dos indivíduos ora privados de liberdade, possibilitando a eles um espaço de reflexão, amadurecimento, acompanhamento psicossocial, espaço para desenvolver-se profissionalmente, sentir-se útil para si e para a sociedade em que vive, ter acesso a escolarização tendo a educação como um meio para o reingresso ao meio social desenvolvendo sua intelectualidade estimulando suas capacidades e potencialidades, possibilitando o acesso ainda ao culto religioso, aguçando sua espiritualidade e o direito de defende-se e de ter uma nova chance para acertar, além do fortalecimento dos vínculos famílias, também essencial nesse processo.

Esses espaços possibilitam que os fatores de proteção internos e externos citados pelos autores evidenciem a capacidade do indivíduo motivar recursos próprios para a superação da sua realidade, além de evidenciar as capacidades dos fatores externos formados pelas diversas esferas sociais que se encontram no entorno dele, que sevem de estímulos a busca desse reencontro com recomeço. Dessa forma, constitui-se um ser resistente, capaz de intervir na sua própria realidade, ter autonomia sobre ela, sendo capaz de definir o bem e o mal e ter escolha sobre eles, sabendo que caminho a seguir.

A resiliência nos ensinamentos bíblicos

No Livro de Tobias, capítulo 3, versículos 3 a 5, Tobit em meio a suas lágrimas, após ter passado por um momento de sofrimento, ter tido sua fé abalada pela cegueira, faz a Deus duas preces:

Lembrai-vos, pois de mim, Senhor! Não me castigues por meus pecados e não guardéis a memória de minhas ofensas, nem das de meus antepassados. Se somos, entregues a pilhagem, ao cativo e à morte, e se nos temos tornado objeto de mofa e de riso para os pagãos entre os quais nos dispersastes, é porque não obedecemos às vossas leis. Agora os vossos castigos são grandes, porque não procedemos segundo os vossos preceitos e não temos sido leais para convosco.⁵

⁴ HOCH; ROCCA, 2007, p. 13-15.

⁵ A BÍBLIA SAGRADA. 33 ed. Ed. Ave Maria: São Paulo, 2001.

A resiliência e a fé são capazes de tornar o homem melhor, de reconhecer suas falhas diante dos homens e de Deus e se propor a uma nova vida, pelo perdão, pela misericórdia divina, e pela reconciliação com a comunidade, voltando para Deus e para a obediência dos seus preceitos, respeitando e amando o próximo como a si mesmo e a Deus sobre todas as coisas, guardando-se de jamais fazer ao outro o que não quereis que fosse feito a vós, sendo fiel a Deus e aos irmãos, se desfazendo do orgulho e praticando a humildade.

A Parábola do Filho Pródigo, em Lucas 15,11-32,⁶ também nos remete a resiliência por meio do sofrimento, da perda e do arrependimento, o Pai o abraça e o recebe de volta. Deus é misericordioso para com seus filhos que se arrependem e não voltam mais a pecar. O Pai sempre se alegra ao ver a resiliência do filho, o arrependimento, a vontade de mudar e construir uma nova vida, uma nova história, reconhecendo que aquele filho estava morto e reviveu, estava perdido e se encontrou. O irmão mais velho não se contentou achando que o irmão não merecia tamanha recepção, o Pai procura sempre conciliar os irmãos, sabendo que é aquele quem mais precisa do acolhimento de Deus, pois estava perdido e foi achado, estava morto e voltou a viver.

A mudança ocorre quando nela se acredita, nele deve ser investida a motivação e o estímulo, um exercício contínuo de relação intrínseca entre o mundo interior e o exterior. A sociedade, nesse contexto, precisa criar um novo olhar, mais dialético diante das pessoas que cometeram crimes e estão privadas de liberdade, pois ainda existe um preconceito muito grande contra essa demanda social, excluída socialmente, a desvalorização pessoal pode acarretar revolta, baixa autoestima e tendência à repetição de práticas negativas ou mesmo o repouso na busca da mudança, fortalecendo o ciclo de violência.

Todos somos filhos de Deus, para Ele não há distinção, o homem foi criado à semelhança Dele para sentir-se reconhecido, amado e cuidado pelas pessoas, pela comunidade, pela família, pelos grupos sociais onde está inserido, inclusive dentro do próprio cárcere. Portanto, precisa-se haver uma reconciliação humanitária entre todos os entes da terra, para que se amem mais, se respeitem mais, para que as relações humanas e espirituais se fortaleçam, para que assim contribuam para superação das adversidades existentes, potencializando o processo de recuperação, que também pode ser considerado um processo de cura interior, reconhecendo o sentido da vida por meio da fé, da espiritualidade e religiosidade. Conforme aponta Grunspun, “Crer, acreditar, perdoar em nome de Deus é a construção de escudo protetor importante para adquirir resiliência na vida”.⁷ O sentimento de culpa, nesse contexto da experiência da resiliência e fé, leva a reflexão das práticas que promoveram aquela condição de sofrimento. Por meio da

⁶ A BÍBLIA SAGRADA, 2001.

⁷ GRUNSPUN, 2005 apud HOCH; ROCCAa, 2007, p. 21.

superação do estado de culpa para a responsabilização, poder-se-á alcançar-se a paz de viver em equilíbrio interior conciliando-se com o meio externo, a vida plena em sociedade.

Considerações Finais

Jesus é o caminho, a verdade e a vida. Se todos exercitarem sua fé, sua religiosidade seu temor a Deus (os cidadãos livres, recuperandos, juízes, promotores, operadores da lei, políticos, pobres e ricos, reconhecendo a primícia cristã de que todos são iguais aos olhos de Deus) exerceríamos a ética da preservação da liberdade, a partir do princípio de justiça social, respeitando os mandamentos da lei de Deus, respeitando as normativas sociais instituídas para manter a ordem social. Assim viveríamos numa sociedade mais humana, de iguais, justa e democrática, com menos sofrimentos, menos violência, sem culpas, mas uma sociedade responsável promovendo uma cultura de paz.

[Recebido em: agosto de 2013;

Aceito em: novembro de 2013]